

A concepção predominante no campo da Psicologia acerca da adolescência é atravessada pela universalização e patologização dessa fase da vida, tida como naturalmente turbulenta e caracterizada por crises e desequilíbrios atribuídos ao funcionamento psíquico dos adolescentes.

A necessidade de se superar essa visão naturalizante, bem como de se atentar para a dimensão social e histórica da adolescência, consiste em um dos aspectos centrais deste livro, em que se apresenta a versão de jovens alunos de classes populares sobre sua experiência escolar.

A relevância deste livro consiste na articulação entre adolescência e escolarização, tema pouco desenvolvido na área de Psicologia Escolar, bem como no questionamento da concepção hegemônica no campo da Psicologia sobre a adolescência, a partir de uma perspectiva crítica em que se enfatiza a constituição social e histórica dos fenômenos, em oposição à sua naturalização.

Adolescência E ESCOLARIZAÇÃO

numa Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar

Ana Karina Amorim Checchia

ALUS - Acervo - FE



20500080469

X



73029

que contam com os meios de comunicação, atores políticos, agentes culturais e trabalhadores sociais como aliados na propagação dessa representação, tal como aponta Abramo²⁶. Além disso, a autora enfatiza que, diante da propagação dessa imagem sobre os jovens, esses deixam de ser ouvidos ou considerados sujeitos capazes de refletir, agir, dialogar e propor ideias relevantes que contribuam para o enfrentamento de questões emergentes em nossa sociedade.

Alguns dos elementos apontados anteriormente são reiterados por teorizações proferidas no campo da Psicologia, conforme será descrito no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

Psicologia e Adolescência

Uma história marcada pela naturalização desse fenômeno

Neste capítulo, será discutida a concepção vigente e hegemônica da adolescência no campo da Psicologia, atentando para teorizações apontadas por psicólogos cujas obras se tomaram referência para o estudo desse tema, bem como para sua influência em produções realizadas no Brasil. Ao longo do texto, serão evidenciadas a naturalização, universalização e patologização da adolescência nas formulações teóricas desse conceito e, finalmente, será enfatizada a necessidade de superação dessa recorrente concepção, priorizando-se a consideração da adolescência como um fenômeno social e historicamente constituído.

O predomínio de uma concepção naturalizante

Um primeiro aspecto a ser destacado consiste no fato de que o termo “naturalização” é utilizado, neste livro, com o sentido de se atribuir um caráter natural ou a-histórico a determinado fenômeno, tal como Aguiar, Bock e Ozella (2001) elucidam ao criticar a concepção naturalizante da adolescência, com base na qual esta é considerada uma “fase natural do desenvolvimento humano”, cujas características são tidas como universais e inerentes a essa etapa da vida, de modo que é “ocultada” sua constituição social e histórica.

Além disso, deve-se salientar que, embora haja referências, em textos citados a seguir, as mudanças biológicas (físicas ou fisiológicas) que ocorrem ao longo da adolescência – denominando-se “puberdade” esse período de transformações no corpo, associadas à maturação sexual

26. A autora exemplifica a influência de tal pensamento na formulação de políticas governamentais com a realização de programas voltados para o enfrentamento dos “problemas sociais que afetam a juventude” (p. 26).

– será priorizada, neste capítulo, a dimensão psicológica presente nas considerações apresentadas pelos autores em questão, a começar por um dos psicólogos pioneiros em difundir suas teorizações sobre esse tema: Stanley Hall.

No início do século XX, Stanley Hall, considerado o fundador da Psicologia da adolescência, divulgou um amplo estudo científico sobre esse fenômeno, em seu livro intitulado *Adolescence – its psychology and its relation to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education* (1925 – originalmente publicado em 1904).

Nesse extenso trabalho (dividido em dois volumes, totalizando, aproximadamente, 1.400 páginas), Stanley Hall refere-se às dimensões física, emocional, cognitiva, moral e religiosa dessa fase do desenvolvimento, atribuindo-as, essencialmente, a fatores biológicos, fisiológicos e genéticos envolvidos nesse processo.²⁷ Um aspecto central apontado por Stanley Hall consiste na apresentação de sua “teoria da recapitulação”, fortemente influenciada pela teoria da evolução, de Darwin. Segundo o autor, o desenvolvimento individual recapitula a história da espécie humana, ou seja, cada estágio do desenvolvimento humano corresponderia a uma etapa da evolução da espécie (1925)²⁸.

Nessa perspectiva, Stanley Hall (1925) considera a adolescência um período de transição entre o nível mais primitivo e o mais evoluído (ou civilizado) e caracteriza-a como a etapa mais turbulenta da evolução, ou a fase mais crítica da vida. Com relação a esse aspecto, o autor afirma que a adolescência é tipicamente marcada por tempestades, tensões, contradições e instabilidades (incluindo rápidas flutuações de humor)²⁹ e que, nesse momento da vida, ocorrem diversas e bruscas transformações físicas e

27. Além da leitura do livro de Hall (1925), recomenda-se o acesso ao texto de Gallatin (1942), que contribui para a compreensão dessas considerações apresentadas pelo autor.

28. De acordo com o autor: “*In this process the individual in a general way repeats the history of its species, passing slowly from the protozoan to the metazoan stage, so that we have all traversed in our own bodies amoeboid, helminthoid, piscian, amphibian, anthropoid, ethmoid, and we know not how many intercalary stages of ascent*” (1925, I, p. 2).

29. Segundo Gallatin (1942, p. 26), Stanley Hall foi “o primeiro psicólogo a caracterizar a adolescência como um período de tempestade e tormenta”.

mentais, os impulsos dos adolescentes se intensificam-se e consolidam-se a formação da personalidade.³⁰

Por fim, deve-se ressaltar que, embora Stanley Hall considere a influência do “ambiente”, enfatiza a determinação biológica e genética nesse processo, demonstrando, portanto, uma concepção naturalizante desse fenômeno.

O caráter natural e universal da adolescência também foi ressaltado por Debesse (1946), segundo o qual o adolescente atravessa uma fase que não deve ser considerada mera transição entre a infância e a “maturidade”, mas um período que apresenta suas especificidades, *problemas*, leis e funções. A universalidade e a não historicidade desse fenômeno são enfatizadas pelo autor ao considerar que essas leis seriam fixas e que a própria juventude não se modificaria ao longo do tempo:

Acreditar que [...] cada geração tem a sua juventude profundamente diversa da geração precedente é uma ilusão de moralista amador e apressado. [...] Por detrás do aspecto vário da juventude existe a *juventude eterna, notavelmente idêntica a si própria no decurso dos séculos*, nas suas tendências, nas suas leis de desenvolvimento, na sua maneira de representar o mundo das coisas e dos seres. São estas permanências que é necessário descobrir e definir (p. 10, grifos nossos).

Além de Stanley Hall, outros autores cujas obras se tornaram uma importante referência para o estudo sobre a adolescência foram os psicanalistas argentinos Aberastury e Knobel. Os livros *Adolescência* (Aberastury, 1980) e *Adolescência normal* (Aberastury & Knobel, 1981)

30. Tais considerações podem ser ilustradas pelas seguintes afirmações de Stanley Hall (1925, I, pp. xiii; xv; II, pp. 70-5): “*It is the most critical stage of life, because failure to mount almost always means retrogression, degeneracy, or fall. [...] Development is less gradual and more salutory, suggestive of some ancient period of storm and stress when old moorings were broken and a higher level attained. [...] We here see the instability and fluctuation now so characteristic. The emotions develop by contrast and reaction into the opposite. [...] Character, temperament, emotions and appetites are changed. [...] The most important and basal of these are connected with the fact that powers and faculties, essentially non-existent before, are now born, and of all the older impulses and instincts some are reinforced and greatly developed [...] It is the age of... rapid fluctuation of mood [...] and character and personality are taking form*”.

exerceram notável influência sobre as pesquisas realizadas acerca desse tema na América Latina e, especificamente, no Brasil, conforme será explicitado posteriormente.

Segundo Knobel³¹, a adolescência, considerada “uma espécie de entidade nosológica”³², consiste em uma fase intencionalmente marcada por conflitos, dificuldades, incertezas, turbulências, desequilíbrios e instabilidades (1981a, 1981b). Essas características seriam, de acordo com o autor, universais e típicas desse período da vida e configurariam um quadro denominado *síndrome normal da adolescência*:

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas [...], períodos de eiação, introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas nas quais se pode oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, condutas sexuais dirigidas para o heteroerotismo e até a homossexualidade ocasional. Tudo isto é o que eu chamei de uma entidade semipatológica ou, preferindo, “uma síndrome normal da adolescência” (1981b, p. 28).

Diante disso, Knobel destaca, em seu texto, mecanismos intrapsíquicos envolvidos na “crise essencial da adolescência”, com base na ideia de Aberastury, segundo a qual o adolescente realiza três lutos fundamentais: o luto pelo corpo infantil perdido; o luto pelo papel e identidade infantis e o luto pelos pais da infância – aos quais o autor acrescenta o luto pela bissexualidade infantil. Assim, Knobel (1981a, p. 11) afirma que a necessidade de elaboração desses lutos obriga o adolescente a recorrer normalmente a manejos psicopáticos de atuação, que identificam sua conduta; no entanto, a diferença entre o adolescente normal e o psicopata consiste no fato de que este último persiste com intensidade no uso deste modo de comportamento.

Ou seja, segundo o autor, a passagem por esses lutos implica o surgimento de condutas de desafeto, crueldade com o objeto, indiferença e falta de responsabilidade, que são típicas da psicopatia, mas que também

31. Psicanalista e psiquiatra radicado no Brasil, atual professor emérito da UNICAMP.

32. Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (Ferreira, 2004), *Nosologia* significa “o estudo das moléstias”.

configuram o quadro da adolescência normal; porém, enquanto no psicopata essa conduta é permanente e cristalizada, no adolescente normal é um momento circunstancial e transitório (1981b, p. 38). Como se pode perceber, essa afirmação associa-se à ideia de que a adolescência corresponde a uma fase inevitavelmente difícil, porém passageira, já que esse momento de exacerbação dos conflitos está circunscrito a um intervalo entre o período da infância e da vida adulta. Conforme Knobel salienta, a criança entra na adolescência (quando se intensificam as dificuldades e incertezas) e depois passa para a “maturidade estabilizada” do mundo adulto.³³

Buscando sintetizar as características da adolescência, Knobel descreve a seguinte “sintomatologia” que integraria a *síndrome normal da adolescência*:

- 1) Busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal;
- 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas [...]; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características do pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta [...]; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo (1981b, p. 29).

Ao discorrer sobre os tópicos anteriores, o autor explica a associação entre essa *crise essencial da adolescência* e aspectos referentes ao funcionamento psíquico implicados nesse processo, afirmando, por exemplo, que as lutas e rebeliões externas do adolescente não são mais do que reflexos dos conflitos de dependência infantil que ainda persistem e que se constituem como identificações em massa decorrentes da necessidade de defesa egóica, por meio das quais os jovens se desprendem de situações infantis e vivenciam o perigo e a incerteza da entrada no mundo adulto (Knobel, 1981b, pp. 27; 53)³⁴.

33. A recorrência de tal ideia em pesquisas produzidas no Brasil será discutida posteriormente, quando se fizer referência aos textos de Aguirre (1953) e Bossa (1998).

34. A título de ilustração, podem-se destacar as seguintes ideias expressas por Knobel, que também elucidam a associação entre essa síndrome e o psiquismo:

Em relação à atitude social reivindicatória, apontada como um dos sintomas dessa síndrome, Knobel (1981b, p. 54) acrescenta que a juventude revolucionária [...] tem em si o sentimento místico da necessidade de mudança social e que suas reivindicações consistem em uma cristalização na ação do que já ocorreu no seu pensamento. Ou seja, diante da frustrante realidade social, as intelectualizações, as fantasias e a tendência grupal transformam-se em pensamento ativo e são concretizadas em ações políticas.³⁵

Deve-se ressaltar o fato de que Knobel chega a se referir à influência do “meio” (termo utilizado pelo autor) em que o adolescente se insere, porém prioriza a determinação de aspectos biológicos e psicológicos no fenômeno da adolescência. Em relação a esse aspecto, o autor afirma que as modificações do meio vão determinar a expressão da normal anormalidade do adolescente, mas de nenhuma maneira podemos condicionar toda a realidade biopsicológica desse processo evolutivo às circunstâncias exteriores (1981a, pp. 10-1).

Desse modo, Knobel faz alusão à importância de se atentar para a implicação do contexto sociocultural nesse processo³⁶, porém enfatiza a necessidade de se realizar um “embasamento psicobiológico” por meio do qual se atribuam características universais à adolescência (1981b). Segundo o autor, em razão da crise essencial da adolescência, nessa fase

“as mudanças de humor são típicas da adolescência e é preciso entendê-las sobre as bases dos mecanismos de projeção e de luto pela perda de objetos”. “poder chegar à genitalidade na procriação é um feito biopsicodinâmico [...] que caracteriza a turbulência e a instabilidade da identidade adolescente”; “o ego realiza tentativas de conexão prazerosa [...] que nem sempre consegue [...] eis aí o retorno a si mesmo autista, que é tão singular no adolescente e que pode dar origem a esse sentimento de *solidão* tão característico dessa típica situação de *frustração* e *desalento* e desse *aborrecimento* que ‘costuma ser uma característica distintiva do adolescente’” (1981b, pp. 30; 58). Dentre tais considerações, deve-se ressaltar que o *aborrecimento* é apontado pelo autor como um atributo típico dos adolescentes.

35. Segundo o autor, “o que se pode explicar como o manejo onipotente do mundo que precisa lucubrar o adolescente como compensação, encontra na realidade frustrante uma imagem espetacular do seu superego cruel e restritivo. As partes sádias do seu ego se põem a serviço de um ideal que permite modificar essas estruturas sociais e coletivas e surgem assim grandes movimentos de conteúdo valioso e nobre para o futuro da humanidade” (1981b, p. 54).

36. De acordo com Knobel (1981b, p. 25): “não há dúvidas de que o elemento sociocultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência”.

da vida, o sujeito tornar-se-ia mais suscetível a sofrer os impactos da “realidade frustrante”, o que se intensificaria diante da *vulnerabilidade especial* do adolescente para assimilar projeções dos pais e da sociedade (1981a). Enfim, Knobel alega que o problema da adolescência deve ser considerado um processo universal influenciado por condições peculiares de cada cultura, que poderão favorecê-lo ou dificultá-lo (1981b).

É interessante notar que Aberastury (1980, p. 28; 31, 1981, p. 16) ressalta, em seus textos, a importância de se considerar a relação entre adolescência e sociedade, afirmando que toda a adolescência leva, além do selo individual, o selo do meio cultural, social e histórico. E, ao se referir ao contexto social, a autora chega a afirmar que, por trás do disfarce da adolescência difícil, estaria uma sociedade difícil, incompreensiva e hostil, que busca a manutenção de suas rígidas estruturas. Acrescenta, ainda, que em vez de usar o termo “crise da juventude”, dever-se-ia falar em uma forma de crise dos jovens dentro de uma sociedade em crise.

No entanto, contraditoriamente, a autora reporta-se à *crise da adolescência* e, ao longo dos textos, descreve e enfatiza os determinantes intrapsíquicos e o caráter universal desse fenômeno, caracterizado como o momento mais difícil da vida do homem (1980, p. 29) e um período de contradições, confuso, ambivalente e doloroso (1981, p. 13). Segundo a autora, a “problemática do adolescente” seria iniciada com as mudanças corporais e com a definição de seu papel na procriação, seguindo-se às mudanças psicológicas, priorizadas em seus textos.³⁷

Desse modo, Aberastury (1980, 1981) considera que um dos problemas centrais dessa fase “crucial e decisiva” consiste na busca da identidade (além da questão relativa à elaboração dos três lutos, apontada anteriormente), sendo que o contexto familiar e o cultural podem contribuir,

37. A fim de ilustrar as considerações da autora, podemos citar a seguinte afirmação:

“Durante o processo do crescimento corporal, muitas vezes um adolescente mostra-se subitamente provocador, onipotente e nega a dor face ao passado perdido [...]. A negação do sofrimento seria uma das patologias mais graves da adolescência, condicionando, às vezes, *crises de rebeldia* que levam a condutas anti-sociais e autodestrutivas; entraria também dentro dessa patologia a iniciação precoce na vida sexual e em condições precárias ou de perigo. São condutas pseudogenitais, apoiadas muitas vezes pelo ambiente, e que encobrem angústias muito intensas e situações fóbicas vencidas com atitudes contrafóbicas” (1980, p. 26, grifos nossos).

prejudicar, retardar ou precipitar o desenvolvimento do adolescente, porém, não podem impedir que esse elabore tais processos. Portanto, embora mencione a relevância em atentar para o contexto social em que os jovens se inserem, a autora prioriza, assim como Knobel, a implicação de mecanismos intra-psíquicos no fenômeno da adolescência, atribuindo os “típicos” problemas dessa fase a aspectos psicodinâmicos, considerando o meio social como um facilitador (ou não) de tais conflitos.

Por fim, deve-se ressaltar o caráter atual das ideias apresentadas por esses dois autores. Em texto recente, Knobel (2000) reitera as considerações apontadas por ambos, alegando haver constatado, ao longo desses anos, a presença da *síndrome normal da adolescência* em diversos países, inclusive no Brasil, onde a verificou em diferentes classes sociais, chegando a afirmar que as modalidades mais “manifestas” da conduta podem variar, porém as condições gerais são iguais (p. 49). Diante desse fato, o autor relata que estaria repetindo as afirmações proferidas anteriormente, pois seriam completamente atuais e conclui que pouco se avançou no estudo sobre a adolescência, sendo, portanto, necessário reler o já escrito para não apresentar pseudo “descobertas”, às vezes enfeitadas de neologismos incompreensíveis (p. 50).

Outros dois psicanalistas que também descreveram mecanismos intrapsíquicos envolvidos no fenômeno da adolescência, que exercem forte influência sobre os estudos acerca desse tema, foram Anna Freud e Eric Erikson. Apontaremos, a seguir, breves considerações apresentadas por esses autores, atentando para a concepção expressa por ambos da adolescência, sem, portanto, nos alongar em explicações específicas referentes ao funcionamento psíquico relativo a essa fase do desenvolvimento.

Anna Freud (1986) considera a adolescência um período de intensas perturbações no equilíbrio psíquico, decorrentes do forte acúmulo de impulsos sexuais que ocorre na puberdade e do retorno dos conflitos da sexualidade infantil.³⁸ Assim, essa fase seria naturalmente marcada por contradições e instabilidades, tal como expressa a autora, ao caracterizar os adolescentes, por meio do seguinte trecho de seu texto:

Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do universo e o único objeto de interesse e, entretanto, em

38. Para aprofundar essa questão, ver Anna Freud (1986) e Gallatin (1978, pp.51-78), o qual contribui para a elucidação de tais ideias apresentadas pela autora.

tempo algum de sua vida ulterior são capazes de tanta abnegação e dedicação. Formam as mais apaixonadas relações de amor, para rompê-las tão abruptamente quanto as iniciaram. Por um lado, atiram-se entusiasticamente à fruição da vida da comunidade e, por outro lado, possuem uma irresistível ânsia de solidão. Oscilam entre a cega submissão a um líder autoritário e a rebelião insolente contra toda e qualquer autoridade. São egoístas e materialistas, mas, ao mesmo tempo, cheios de um idealismo grandioso. São ascéticos, mas, subitamente, mergulharão na indulgência instintiva do mais primitivo caráter. Por vezes, seu comportamento em relação a outras pessoas é turbulento e irrefletido; contudo, são extremamente sensíveis. Seus estados de espírito variam entre o otimismo leviano e o mais sombrio pessimismo. Algumas vezes, dedicam-se ao trabalho com infatigável entusiasmo e, outras vezes, são preguiçosos, desleixados e apáticos (pp. 117-8).

Ao generalizar e categorizar as atitudes dos adolescentes, referindo-se a tais variações de conduta como instabilidades ou “incompreensíveis e irreconciliáveis contradições” atribuídas a fatores intrapsíquicos dessa etapa do desenvolvimento, Anna Freud evidencia, assim como Knobel, o caráter universal da adolescência, considerando-a uma fase inevitavelmente turbulenta. Inclusive, na introdução do livro *Adolescência normal*, Knobel endossa a ideia de Anna Freud, segundo a qual seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente (Aberastury & Knobel, 1981, p. 9).

Eric Erikson, em seu livro *Identidade, juventude e crise* (1972), considera que a adolescência consiste em uma “fase normal de crescente conflito” caracterizada, essencialmente, por uma “crise normativa” – que se configura como norma nesse período do desenvolvimento: *a confusão de identidade*.

Ou seja, segundo o autor, os adolescentes vivenciam, necessariamente, uma crise de identidade e, nessa etapa do ciclo vital, a promessa de encontrar a si próprios e a ameaça de se perderem de si mesmos encontram-se intimamente ligadas. Dessa maneira, a formação de identidade configura-se como uma relevante preocupação para os adolescentes, que devem atravessar e elaborar essa crise ao longo desse período.

Durante esse processo, de acordo com Erikson, os adolescentes necessitam de uma “moratória”, isto é, de um “período de espera” oferecido

pela sociedade, para que os jovens possam integrar os elementos da identidade e testar os fundamentos de alguma verdade, antes de vincular os poderes do corpo e do espírito a um segmento de ordem existente (p. 129; 237).³⁹

A leitura de textos produzidos no Brasil referentes à adolescência ilustra a influência das concepções apontadas anteriormente, com predomínio, portanto, de uma ênfase no caráter natural e universal desse fenômeno, tido como um inevitável período de crises ou turbulências, associadas a fatores intrapsíquicos. A seguir, serão destacadas considerações de alguns de seus autores, que sustentam tal afirmação.

Segundo Aguirre (1953), a adolescência consiste em uma fase de dúvidas, inquietações e ansiedades típicas dessa "idade difícil, ingrata ou de tormenta", que seriam minimizadas com o passar do tempo, ao se atingir a estabilidade da vida adulta. A autora enfatiza que os principais determinantes dos "desajustamentos" dessa fase seriam os distúrbios, dificuldades e problemas emocionais dos adolescentes e ressalta a necessidade de que tais aspectos sejam estudados. Aguirre acrescenta que a crise da adolescência pode ser agravada pelos meios familiar e social devido a distúrbios, conflitos, desorganização ou super-proteção da família; falta de compreensão e consideração por parte de pais e professores, ordens, imposições; injustiças e marginalidade (p. 16).

Em seu livro *Características do comportamento do adolescente brasileiro*, Ulhoa (1974) busca atentar para as diferenças comportamentais entre o adolescente brasileiro do meio urbano e o do meio rural, procurando evidenciar a ideia de que os problemas da adolescência assumem um caráter particular em função do contexto socioeconômico, que influencia o desenvolvimento psíquico do jovem.

Embora Ulhoa (1974, p. 127) afirme que não haveria um único tipo de adolescente brasileiro e, sim, adolescentes relacionados às estruturas socioeconômicas, a autora conclui a pesquisa ressaltando que a adolescência corresponde a um período de desequilíbrio, independentemente do contexto socio cultural e o que diferencia um ser do outro é a amplitude desta crise, as

39. Com relação a esse aspecto, Erikson esclarece que "por moratória psicossocial entendemos um compasso de espera nos compromissos dos adultos e, no entanto, não se trata apenas de uma espera. É fase que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem" (1972, p. 157).

formas que ela reveste, a solução que lhe é dada. Nesse sentido, acrescenta que os problemas dos adolescentes brasileiros seriam universais, já que o inconsciente é universal; porém, os jovens expressam os conflitos típicos dessa fase de modo particular, de acordo com o cenário social em que se inserem.

O predomínio de pesquisas realizadas no Brasil cujos autores salientam essa concepção referente à adolescência como uma fase naturalmente marcada por dificuldades e tensões também é apontada por Pfromm Neto (1976). O autor ilustra esse quadro descrevendo estudos realizados, entre os anos de 1949 e 1963, por pesquisadores como Jorge, Brasil, Lucena e Van Kolck, em diferentes Estados brasileiros (especialmente São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), cujos métodos de pesquisa consistiram na utilização de testes psicológicos – respectivamente o teste de Rorschach, o psicodiagnóstico miocinético (PMK), testes projetivos (desenho da figura humana) ou "provas de personalidade".

O ponto em comum entre esses estudos consiste na conclusão de que os adolescentes apresentam intensas dificuldades, problemas, conflitos e ansiedades, decorrentes de fatores intrasubjetivos, o que reitera a concepção da adolescência como uma fase tipicamente turbulenta. Pfromm Neto destaca algumas afirmações desses pesquisadores, que ilustram esse aspecto, tais como a consideração de que os adolescentes expressam agressividade, dificuldade de controle dos impulsos, egocentrismo, exibicionismo, tendência à revolta e predomínio da emotividade; que os jovens vivenciam uma forte angústia decorrente de seu falho esquema referencial de existência, que conduz ao complexo de inferioridade e que esses sentimentos de inferioridade e insegurança prejudicam os contatos sociais dos adolescentes.

Outro aspecto apontado pelo autor consiste na seguinte observação relativa à tendência geral das pesquisas referentes à adolescência, desenvolvidas em diferentes campos do conhecimento: enquanto grande parte dos estudos em que são considerados os fatores socioculturais implicados nesse fenômeno decorrem de pesquisas realizadas por sociólogos ou antropólogos, as informações sobre os aspectos do desenvolvimento físico dos adolescentes são proferidas por biólogos, fisiologistas ou médicos e o conhecimento acerca dos *problemas emocionais da adolescência, anormalidades mentais e de personalidade* deriva, prioritariamente, de estudos realizados por psiquiatras ou psicólogos.

Diante de tal afirmação, é importante atentar para a cisão entre os campos do conhecimento nas produções referentes à adolescência e,

portanto, para a necessidade desfazer tal fragmentação, buscando realizar pesquisas que enfatizem a articulação entre diferentes áreas, a fim de contribuir para a compreensão de aspectos implicados na complexidade que abrange o fenômeno em questão. Além disso, deve-se ressaltar a relevância de se realizarem pesquisas no campo da Psicologia, que não compactuem com essa ênfase nos problemas emocionais dos adolescentes ou com a consideração da adolescência como uma fase naturalmente problemática, mas, sim, como um fenômeno social e historicamente constituído, tal como será apontado posteriormente.

Pesquisas recentes realizadas no Brasil também evidenciam a influência dessa concepção sobre a adolescência como um período inevitavelmente conflituoso. No seu texto *O normal e o patológico na adolescência*, Bossa (1998, p. 212; 218) ilustra tal aspecto, referindo-se a esse fenômeno como uma fase crítica da vida, em que conflitos das fases estruturantes da personalidade do sujeito são atualizados, provocando alterações no comportamento dos adolescentes, os quais apresentam atitudes que lhes são características. Assim, segundo a autora, os jovens, em meio ao “turbilhão” em que vivem, brigam, contestam, desafiam, viciam-se, afrontam e aprontam..., até que passem por essa fase e não mais se comportem como típicos adolescentes, ou seja, até que atinjam a maturidade:

[...] Quando você sentir-se único entre os demais e os outros se tomarem razão para você crescer e melhorar; quando aceitar que as coisas, as pessoas, fatos, situações, sonho e realidade, tudo é estruturalmente mutável e evolucionário; quando você for capaz de tolerar frustrações com dignidade; quando puder amar sem bloqueios e sem preconceitos; quando for capaz de se assumir como homem ou mulher; quando puder construir sozinho sua independência afetiva e econômica; e, quando, finalmente, puder traçar para si o próprio destino, e responsabilizar-se por seus atos e opções, terá passado pela adolescência. Terá chegado à maturidade (p. 217).

A influência das obras de Aberastury, Knobel e Erikson no texto de Bossa é explicitada pela autora, que cita e endossa as considerações desses psicólogos acerca do fenômeno da adolescência. Bossa reitera o conceito de *síndrome normal da adolescência* (bem como seu caráter universal) e associa os conflitos dessa fase a fatores intrapsíquicos, como a questão dos quatro

lutos fundamentais e da formação de identidade, apontados pelos autores anteriormente mencionados.

As ideias apresentadas por Aberastury e Knobel também são endossadas por Levisky⁴⁰ em textos recentes (1998, 2000) – inclusive, o prefácio de um de seus livros (1998) foi redigido pelo próprio Knobel. Assim como esses autores, Levisky (1998) reporta-se à adolescência como uma fase de inevitável instabilidade e, apesar de apontar a relevância da influência social nesse processo, afirma que qualquer que seja o contexto sociocultural, a adolescência será sempre um período de crise e desequilíbrio (pp. 26; 35).

Diante disso, o autor acrescenta que esses conflitos são decorrentes do turbilhão de transformações incontroláveis e involuntárias ocorridas durante a puberdade (mudanças corporais, estruturais e fisiológicas) e das repercussões psicológicas da inserção dos adolescentes na comunidade dos adultos, bem como de aspectos do funcionamento psíquico nessa etapa do desenvolvimento⁴¹ (pp. 26; 38; 52). Além disso, Levisky enfatiza que essa crise é universal e apresenta variações referentes à intensidade ou ao modo de expressão em cada cultura.

Ainda segundo o autor, na sociedade ocidental contemporânea, esse quadro conflituoso da adolescência intensifica-se. A velocidade com que valores tradicionais são abalados e a infinidade de oportunidades de experiências oferecidas aos jovens torna esse período de formação de identidade mais complexo; além disso, o contexto social contraditório contribui para incrementar os conflitos do adolescente, cujo processo, por si só, é rico em contradições (pp. 26; 30; 33).

Ao explicitar o caráter contraditório da adolescência, o autor a descreve como um período marcado por conformismo, apatia, impotência, rebeldia, desfaçatez, indiferença [...], tendência à passagem ao ato e *baixos teores de responsabilidade* (2000, p. 21, grifos nossos). Essa tendência à passagem ao ato é

40. Psicanalista e psiquiatra brasileiro, formado em São Paulo.

41. Com relação à implicação de fatores intrapsíquicos nesse processo, o autor afirma, por exemplo, que “nessa etapa da evolução psicosssexual, o jovem revive, consciente ou inconscientemente, situações do passado. Essa transição será vivida com maior ou menor dificuldade, sendo que as características da passagem pela adolescência dependerão de suas experiências infantis, das relações afetivas primárias, das características de sua iniciação na vida social, do modo de resolução das relações triangulares por ocasião do conflito edípiano, de suas angústias e temores, os quais nessa ocasião poderão ser, de alguma forma, revividos por ele” (p. 35).

explicada pelo autor, que se refere à tendência *natural* do adolescente a agir antes de pensar ou a atuar, no sentido do *acting-out* psicanalítico.⁴² A rebeldia é associada ao funcionamento psíquico dos jovens: a agressão, a rebeldia, as reivindicações intrafamiliares são formas de manifestação desse fenômeno psíquico do adolescente. Fenômeno que ele também emprega contra a sociedade, a qual representa o papel controlador exercido pelos pais; a tal afirmação acrescenta-se a ideia de que o jovem, por meio de contestações e reivindicações, externaliza os conflitos de valores e de autonomia que carrega dentro de si (pp. 54; 56).

Além disso, ao se referir à questão da *violência* na adolescência, o autor considera que as diversas formas de expressão da violência presentes na sociedade contemporânea servem como modelo de identificação e como um meio de “autoafirmação” do adolescente, cujo ego se apresenta de modo instável e vulnerável às pressões sociais e às influências externas; assim, intensificam-se as atitudes violentas dos adolescentes sobre a sociedade (pp. 20-4). A esse respeito, o autor acrescenta:

Os “atos irresponsáveis” [dos jovens] (dirigir sem habilitação, atos de *vandalismo*) não são nem mais nem menos perniciosos que aqueles que lhes são apresentados diariamente por meio da violência da mídia, ou de mecanismos políticos repletos de corrupção [...]. [A] violência está fazendo parte dos processos identificatórios, como padrão de conduta e forma de auto-afirmação [do adolescente] [...], que se faz presente através da rebeldia, da revolta, de manifestações agressivas [...]. Os adolescentes, em busca de sua identidade adulta, reproduzem, imitam ou estabelecem conluios conscientes e inconscientes, como forma de contestação e de auto-afirmação; esse sistema dissociado e dissociante colabora para a psicotização da sociedade e conseqüente aumento da violência (2000, p. 20-4, 1998, p. 27, grifo nosso).

Diante das considerações apontadas até então, evidencia-se a recorrência de teorizações ancoradas em uma visão universal e a-histórica

42. “Os adolescentes, por suas características biopsicossociais, tendem, espontânea e naturalmente, a passar ao ato, com maior tendência a descarregar seus impulsos agressivos e sexuais diretamente, por meio do processo primário. [...] Com frequência os adolescentes *pensam depois da ação ter sido realizada*. Percebem, não raro, as conseqüências de seus atos afetivos após a ocorrência dos fatos. Frequentemente a fragilidade egóica e a predominância de mecanismos psíquicos primitivos diminuem suas possibilidades de postergar, substituir, ponderar ou reprimir eficazmente a satisfação de seus desejos” (2000, p. 21, grifos nossos).

acerca da adolescência no campo da Psicologia, proferidas desde os primeiros estudos até as mais recentes produções sobre esse tema.

Essa concepção vigente e hegemônica dos trabalhos realizados no meio acadêmico também está presente nos atuais discursos e práticas profissionais de psicólogos, conforme Ozella elucida em recente pesquisa publicada no artigo intitulado *A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais* (2003)⁴³. Ao entrevistar psicólogos em diferentes áreas de atuação (de educação, saúde, trabalho e jurídica), Ozella constata o fato de que esses profissionais reproduzem, no discurso sobre o conceito de adolescência e sobre sua prática, essa visão naturalizante, patologizante e universal acerca desse fenômeno.

A naturalização em questão: uma concepção sócio-histórica sobre a adolescência no campo da Psicologia

A necessidade de questionar e superar essa concepção hegemônica é intensamente enfatizada por psicólogos, tais como os que priorizam uma visão crítica sobre a adolescência, ressaltando a relevância em atentar para a constituição histórica e social desse fenômeno. Os autores do livro intitulado *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*, organizado por Ozella (2003a), explicitam sua concepção de homem ancorada na Psicologia Sócio-Histórica⁴⁴, seguindo os princípios filosóficos do materialismo histórico e dialético. Assim, consideram o homem um ser histórico com características forjadas de acordo com as relações sociais contextualizadas no tempo e no espaço histórico em que ele vive, estabelecendo-se uma relação dialética entre este e a sociedade, na medida em que esse ser se constrói ao construir a sua realidade (p. 8).⁴⁵

43. Esse texto consiste em um capítulo do livro organizado por esse autor, que citado no próximo item.

44. Tendo como referência as obras de Vigotski, Luria e Leontiev.

45. Tais ideias são apontadas no capítulo referente à *Apresentação* desse livro organizado por Ozella, fazendo-se alusão às considerações explicitadas por Bock (uma de suas autoras), em seu texto intitulado *A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (2001), também elucidadas por Bock em *As influências do Barão de Münchhausen na Psicologia da Educação* (2000).

Com base em tal referencial, ao criticar o predomínio de uma visão universalizante e patologizante sobre a *adolescência* no campo da Psicologia, esses autores apresentam uma visão sócio-histórica desse fenômeno, considerando-o uma criação histórica da humanidade, ou seja, um período construído, interpretado e significado historicamente pelos homens.

Essa ideia também é explicada por alguns autores desse livro – Aguiar, Bock e Ozella – em um texto intitulado *A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica* (2001). De acordo com tal concepção, a adolescência não deve ser considerada uma fase natural do desenvolvimento, mas sim, um momento criado historicamente pelo homem, nas relações sociais, enquanto um fato e [que] passa a fazer parte da cultura enquanto significado. Desse modo, com base na construção de tais significações sociais, os jovens adquirem referências para a formação de sua identidade (2001, p. 168-9).

Com relação a tais afirmações, Ozella (2002) esclarece que a adolescência se constitui historicamente como representação e fato social e psicológico, cujo significado é construído culturalmente, “na linguagem que permeia as relações sociais” e, portanto, deve ser compreendida pela sua inserção na totalidade social. Assim, contrariamente às alegações de Aberastury e Knobell, de acordo com Ozella, essas condições sociais não são apenas facilitadoras (ou não) do desenvolvimento de certas características dos jovens, mas são constitutivas da adolescência e produtoras de referências para a formação dos sujeitos adolescentes:

Fatos sociais surgem nas relações e os homens atribuem significados a esses fatos. Definem, criam conceitos que representam esses fatos. São marcas corporais, são necessidades que surgem, são novas formas de vida decorrentes de condições econômicas, são condições fisiológicas, são descobertas científicas, são instrumentos que trazem novas habilidades e capacidades para o homem. Quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos construindo significações a partir de realidades sociais e de marcas que serão referências para a constituição do sujeito. [...] Dentro de uma perspectiva sócio-histórica só é possível compreender qualquer fato a partir de sua inserção na totalidade, na qual este fato foi produzido. É importante perceber que a totalidade social é constitutiva da adolescência, ou seja, sem as condições sociais, a adolescência não existiria ou seria essa da qual

falamos. [...] Estamos falando de condições sociais que constróem uma determinada adolescência (2002, pp. 21-2).

Por fim, diante de tais considerações, deve-se salientar a necessidade de se superar a concepção vigente e hegemônica no campo da Psicologia sobre a adolescência, considerada uma fase inevitavelmente confusa e conflituosa, naturalmente caracterizada por comportamentos como a instabilidade, a rebeldia, a vulnerabilidade acentuada e a falta de responsabilidade; um período turbulento, mas passageiro, normalmente patológico, previsivelmente instável e rigidamente caótico. Trata-se de encarar essa fase como um fenômeno histórico, cuja historicidade é cientificamente negada; um processo socialmente constituído, tido como universal e um momento significado e construído pela humanidade, que se torna naturalizado.

Tomando por base, portanto, a consideração da adolescência como um fenômeno social e historicamente constituído, foi realizada a pesquisa em questão, cujo método de investigação será demonstrado no próximo capítulo.